

Os avanços exponenciais observados nas ciências médicas em tempos recentes são fantásticos e muito animadores, tornando o tema uma das oportunidades mais promissoras a serem exploradas por iniciativas como a do HIDS, incontestável quando consideramos ser a Unicamp um dos mais reconhecidos Centros de Excelência na medicina.

Como etapa básica, a coleta e disponibilização de prontuários eletrônicos estruturados (para permitir análises estatísticas sem necessidade de retrabalhar os dados) com características dos indivíduos, hábitos de vida e respectivas cronologias de sintomas, resultados de exames, diagnósticos de patologias, tratamentos aplicados e resultados obtidos permitiria um avanço enorme nas revisões de protocolos com um aumento significativo dos índices de sucesso.

A etapa seguinte seria, no momento do diagnóstico, checar as estatísticas dos diagnósticos de pacientes com características e hábitos de vida semelhantes que apresentaram os mesmos sintomas e resultados de exame (indicando que outros resultados e sintomas precisam ser checados para ampliar a segurança do diagnóstico) e quais foram os resultados obtidos com cada tratamento: quantas conferências, cursos e leitura de estudos trariam resultados mais confiáveis que isso?

Me parece que a opção de utilizar soluções como a da IBM com inteligência artificial levantando e checando a viabilidade de hipóteses e tratamentos alternativos seria uma evolução natural a ser considerada após tais dados e análises estatísticas existirem e serem disponibilizadas aos médicos que temos: não precisamos polemizar em buscar resposta para a questão do que permitiria avanços melhores nos diagnósticos e tratamentos, se seria a disponibilização de dados num formato que permita a análise estatística descrita acima ou se seria a inteligência artificial capaz de analisar estes dados rapidamente porque precisaremos fazer o primeiro para ter o segundo e no momento nosso orçamento (talvez) permita fazermos o primeiro já e vai faltar verba e gerar desemprego para fazer o segundo (se os Médicos Cubanos que iam onde ninguém queria ir geraram a rejeição que vimos, imaginemos a reação que despertará um médico digital como o da IBM, mesmo sabendo que isso vai acabar acontecendo gostemos ou não).

Façamos etapas iniciais de coleta ampla de dados num prontuário eletrônico adequado a análise estatística e comparação de diagnósticos e resultados dos tratamentos no HIDS, expandindo rapidamente para a RMC e todo e qualquer paciente atendido na Unicamp (que bom, e me desculpem pela minha ignorância, se já estiverem fazendo isso em algum grau).

A incorporação de informações sobre o DNA e de análises da Microbiota dos indivíduos (e outras que surjam) na base de dados, auxiliados por equipamentos de diagnóstico mais baratos e rápidos, bem como de novos protocolos de tratamento na medida que forem surgindo será um desdobramento natural desta abordagem.

Existem razões e benefícios suficientes para priorizarmos isso já, independente da dificuldade financeira para elevarmos o número de médicos no Brasil dos atuais 17 para 30 por 100.000 habitantes como recomendado pela OMS e praticado em vários países mais afluentes (em números redondos, considerando o arbitrado custo de R\$12.000/mês, esse custo passaria dos atuais quase 0,7% para um pouco mais de 1,1% do PIB).